



# Visão Essencial

# VISÃO ESSENCIAL

## Uma publicação especial para falar sobre aqueles que enxergam o Mundo através da alma

Publicada de maneira especial neste 13 de dezembro, esta Revista tem por objetivo, informar, opinar e contar, as histórias das pessoas com deficiência visual, que se superam todos os dias no Brasil e no Mundo.

Com carinho, ética, profissionalismo, a Publicação foi criada para fazer a diferença na vida de cada leitor, que em suas páginas irá encontrar

mais que informação.

Encontrará acessibilidade, superação e a certeza, de que quando se luta em nome de um ideal, tudo pode acontecer, e que enxergar ou não enxergar com os olhos da face, se transformam apenas num pequeno detalhe.

### **Brasil tem 1.577.000 de pessoas com deficiência visual total, apontam dados do IBGE**

No mundo, mais de 280 milhões de pessoas sofrem com problemas visuais, dos quais 80% poderiam ser evitados

Página 8

### **O avanço da acessibilidade na Educação e como ela ainda precisa avançar**

Página 14

### **Mercado PCD - De cada 10 empregos conquistados, apenas 1 é para o deficiente visual hoje no Brasil**

Página 7

### **A importância das modalidades esportivas na vida do invisual**

Página 4

### **“O que te define, não é aquilo que mostras, mas sim aquilo que faz.”**

Página 15

Foto: Homem de óculos sentado em ponto de ônibus, falando ao celular e segurando uma bengala

Esta Revista tem um apoio de:

<https://g7press.com/liberty-essence>

<https://bradesco.com.br>

<https://tim.com.br>

<https://novonordisk.com.br>

<https://acer.com>

# Visão Essencial

**Uma publicação especial para falar sobre aqueles que enxergam o Mundo através da alma**

**A** deficiência visual, como qualquer outra deficiência, é desafiadora para seus portadores.

Implica em fazer com que aqueles que a tenham, sejam pessoas que tenham de se superar a todo o tempo, todos os dias.

O preconceito existe, apesar de não dever, em todos os lugares.

E estas pessoas precisam mostrar a sua capacidade em superar isto e muito mais.

Para trabalhar, estudar, fazer parte da sociedade como um todo, são obstáculos que se vão quebrando, dia a dia.

Paradigmas impostos pela sociedade e que se dissolvem no tempo, a medida que cada invisual consegue evoluir.

Hoje, este Visão Essencial é uma prova real, de que quando um deficiente visual deseja, ele pode se superar.

Mais do que isto, pode mostrar ao Mundo, que o importante não é aquilo que os olhos podem enxergar.

Mas como eles veem as coisas a seu redor, com alma e coração.

Esta publicação nasce da vontade em informar as pessoas, sobre um assunto importante

e essencial para cada integrante do G7 Press.

Que além de levar a informação precisa e de credibilidade as pessoas, tem em sua essência o convívio direto com deficientes visuais.

Tendo entre seus fundadores, um deficiente desta natureza.

Compreendendo como ninguém, os sentidos das palavras superação, acessibilidade, e tudo que se envolve nas práticas de melhorar o dia dia das pessoas.

E destes deficientes visuais como um todo.

Uma marca que nasce, com o DNA de promover acessibilidade não apenas em suas páginas, mas em cada ato que executa.

Em cada projeto social, da criança ao adulto, da formação escolar a carreira profissional.

Porque entende que todos somos iguais e merecemos oportunidades.

Não buscando luxo, mas o necessário para quem necessita. Essencial, conta historias, fatos, publica artigos.

E te convida a conhecer um pouco mais sobre quem enxerga o Mundo com os olhos da alma, e fala através do coração.

Hoje, este Visão



Foto: senhor, deficiente visual, sentado em um banco de madeira com seu cão labrador retriever, em um parque

# Da faculdade de medicina a superação para ser campeã de xadrez

## A história de Helena Jenkins

- POR VANESSA REZENDE -

**N**em sempre fazer planos na vida, quer dizer que eles serão concretizados. Helena Jenkins tem 34 anos de idade, e aprendeu 4 anos atrás isto.

Ela ingressou na universidade de medicina, pois tinha o sonho em ser médica.

Desde pequena nas brincadeiras era como gostava de brincar, e desde jovem, tinha a certeza de estar em um consultório ajudando as pessoas.

Helena não imaginava que, aos 22 anos de idade seria acometida pelo Diabetes.

E que anos mais tarde, teria uma retinopatia que a faria perder toda a visão.

Embora Helena more nos Estados Unidos, e tivesse acesso ao que chamam de mais modernos tratamentos do mundo, o Diabetes é uma doença autoimune e degenerativa.

Que quando inicia um ataque a um dos órgãos de seu paciente, dificilmente consegue-se uma reversão.

Helena passou por 8 sessões de laser, na esperança de reverter seu quadro, o que não deu certo.

Aos 30 anos de idade, ela teve que deixar a universidade, abandonar o sonho de ser médica, e perder a visão de um dos olhos.

6 meses mais tarde, a do outro, e consequentemente se transformar em uma deficiente visual total.

Somente com percepção a claridade, de uma hora para a outra a sua vida se transformou, seus planos foram por água abaixo, e ela só enxergava a depressão e a tristeza em sua vida.

Helena terminou um namoro de 6 anos, ao perder a sua visão.

Desistiu não apenas da medicina mas de muitos outros sonhos que tinha na sua vida.

Inclusive um belo apartamento que estava em vias de comprar, em um dos mais belos pontos de Nova York.

Ela morava sozinha na universidade, mas por causa da nova condição física, decidiu voltar para a casa de seus pais.

Levou 1 ano para que Helena reagisse ao que lhe aconteceu.

Com o apoio da família aos poucos ela tentou se reerguer, embora soubesse que seria difícil.

Foi em uma entidade que atende deficientes visuais, que Helena aprendeu a andar sozinha com a bengala.

Reaprendeu a cozinhar, e descobriu o esporte.

No Goalball, esporte que é jogado por deficientes visuais, ela não se adaptou.

Mas descobriu a verdadeira vocação no tabuleiro de xadrez.

“Acompanhava uma turma que jogava as sextas-feiras no fim da tarde, e parecia ser algo divertido.

Sempre me convidavam a tentar aprender mas tinha medo e não achava que tivesse uma mente que me permitisse concentrar.

Mas um dia eu venci o medo, a curiosidade em saber como era falou mais alto”, conta.

Foi quando Helena, passou a aprender com os novos amigos, também deficientes visuais, como conhecer e manusear as peças do tabuleiro.

3 semanas mais tarde, as brincadeiras de sexta-feira a tarde, se transformaram em jogos.

Helena se transformou em imbatível, especial.

“A concentração dela era surpreendente e não tínhamos visto nada assim antes, e por isto incentivamos que se inscrevesse num torneio”, conta Mark Torniton, também deficiente visual de baixa visão, e um dos professores de Helena no Xadrez.

Helena acabou aceitando se inscrever, e venceu o torneio em 1º lugar.

A disputa aconteceu em Nova Jersey, no final de 2019.

Dali para frente ela sempre quis participar de todos os torneios que pudesse entrar, o jogo se transformou em terapia e a fez redescobrir a vida.

Por causa da pandemia de Covid-19, Helena começou a treinar em casa, com os pais.

Reatou o namoro de anos, e jogou também com o namorado.

Aprendeu a usar o computador e jogar Online, e participou nos anos de 2020 e 2021, de 5 torneios remotos.

Venceu todos eles, com jogadas bem calculadas e incríveis.

Em 2022, Helena voltou a competir em formato presencial, e realizou outro sonho.

Comprou o apartamento que tanto desejava em Nova York, antes de perder a visão.

Se casou, e foi mãe.

E em 4 de dezembro, voltou a vencer o torneio em Nova Jersey, que venceu em 2019, de forma presencial.

“O Xadrez para mim é tudo, é uma terapia e a forma como eu redescobri a minha vida.

E por isto recomendo a todos que tiverem a oportunidade a prática do jogo.

Não por vencer, mas pelo prazer de jogar. Cada partida é única e nós nos transformamos enquanto fazemos cada jogada, uma sensação fantástica e indescritível que antes, com visão, jamais teria”.

Helena conta que se antes tinha medo do futuro, e questionava por que perdeu a visão, hoje agradece.

“Hoje eu sou grata pelo que a vida me deu, por cada coisa que aconteceu comigo, e por saber que ainda posso ajudar as pessoas.”

A deficiente visual, agora é professora de Xadrez, e ensina jovens e adolescentes sem a visão, a jogar o jogo de tabuleiro.

Além disso, Helena não desistiu de atuar na área de saúde, seu grande sonho de infância.

Não poderá ser médica, mas ano que vem, deve concluir a faculdade de psicologia.

# A importância

## das modalidades esportivas na vida do invisual

- POR VANESSA REZENDE -

**P**ara quem nasce deficiente visual, a vida é um processo de adaptações desde o princípio. Apesar de se haverem inúmeras dificuldades a serem superadas, o são de maneira mais fácil e menos traumática.

Diferente de quem sempre enxergou, e de repente seja pela razão qual for, perde sua visão repentinamente.

Por acidentes, lesões neurológicas, tumores, cirurgias mal feitas, sequelas de problemas de saúde, ou mesmo por N outras razões.

A dificuldade acaba sendo maior, e o deficiente visual precisa se adaptar mais que aquele que já nasceu com o problema visual.

E muitas das vezes a perda da visão, vem acompanhada de um processo de depressão, que pode ser moderada ou profunda.

E que pode se arrastar para o longo de anos ou da vida toda.

Tudo isso irá depender, de como o deficiente visual, a sua família e a sociedade de um modo geral, lidam com o tema.

Entre as formas de se superar este momento, a prática de esportes serve para fazer a pessoa se socializar com outras que já passaram ou estão passando, pela mesma situação.

E para enxergarem em quem convivem com a questão desde sempre, como fizeram para superar

as dificuldades do dia a dia, e vencer medos, desafios e obstáculos na vida.

Cada vez mais é comum, que as entidades assistenciais invistam então, nas modalidades esportivas.

Antes as mais praticadas eram aquelas em grupo, como Natação, Atletismo e o famoso Goalball.

Um esporte jogado em quadra, com 3 jogadores.

Em que cada hora, um arremessa a bola para o time adversário, e o outro tem que se defender.

Na bola há um guiso, para que o deficiente visual

se oriente.

Em cada arremesso e defesa no jogo, é necessário silêncio e concentração.

E o esporte acaba sendo de grandes emoções.

O Brasil é um dos países mais bem sucedidos na prática, tendo inclusive conquistado inúmeras competições internacionais de Goalball.

O esporte foi criado na 2ª guerra Mundial, para socializar os soldados da Alemanha na recuperação, após terem sido feridos em combate.

E se espalhou pelo mundo se modernizando e adaptando a diferentes culturas, até se tornar algo hoje universal, como o futebol, por exemplo.

Outros esportes também estão sendo comuns de existirem, e cair nas graças dos invisuais.

Dominó é um deles.

O jogo que é jogado por diversão e prazer, acabou se transformando em modalidade esportiva.

No Brasil existem torneios entre entidades para incentivar as jogadas.

Nos Estados Unidos, no Canadá, na Inglaterra e em outros pontos do planeta, a modalidade também é bastante jogada por deficientes visuais.

Inclusive com um ranking de melhores jogadores e competições que valem mais que o prazer de jogar, posição, dinheiro e produtos de acessibilidade estão na disputa.

O xadrez, é outra modalidade que cresce entre os deficientes visuais.

No Brasil a partir de 2016, a modalidade ganhou mais destaque com torneios nacionais.

Mas em outros países, existe há mais tempo.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos existem inclusive, ligas de deficientes visuais para a prática do xadrez.

Apesar de um esporte que exige muita concentração, e que deve ser jogado de forma individual, um contra o outro, a prática auxilia muito no combate e controle da depressão e melhora a autoestima, revela a psicoterapeuta Marina Bonfim, do Recife, e que trabalha com deficientes visuais jogadores de xadrez, desde 2018.

O G7 Press, incentiva a prática do xadrez para deficientes visuais.

E a prova disso é o torneio G7 Enxadrista Brasil, criado pela Marca.

E que terá a sua primeira edição ocorrendo de janeiro a junho de 2023 no Brasil, com 32 participantes já selecionados.

Além dessas modalidades esportivas, há outras das mais clássicas as menos tradicionais, praticadas por invisuais.

É importante que o deficiente visual saiba o que o atrai, e como isto pode impactar na sua vida.

Respeitando as limitações e superando desafios para se viver mais, melhor e com igualdade e acessibilidade, conquistando seu lugar e seu espaço no Brasil e no Mundo.



Foto: atleta corredor deficiente visual em ação com seu corredor guia correndo maratona

# Thaise Castro

## Como a deficiência visual pode mudar uma vida, e fazer planos se alterarem para também ajudar outras pessoas

- POR LUARA PECKER -

**O** Visão Essencial foi conhecer a história de Thaise Castro, para relatar ao leitor nesta publicação especial.

Uma daquelas histórias de inspiração e superação que não se pode deixar de contar, em um dia como hoje.

Thaise nasceu e viveu até os 18 anos de idade, uma vida normal e plena.

Como todo jovem gostava de sair, estar nas baladas e não se preocupava muito com o futuro.

Com 19 anos de idade, ela acabou se envolvendo em um acidente, quando voltava para sua casa após um fim de ano na praia.

O ônibus em que Thaise estava acabou capotando, pessoas morreram e ela acabou ferida gravemente.

Depois de ficar por mais de 25 dias em coma, ela se recuperou, porém com uma seqüela.

Thaise teve deficiência visual, por conta de uma lesão no cérebro.

A lesão provocou, a perda visual total de seu olho esquerdo, e 50% da perda da visão do olho direito.

Para tentar reverter o quadro, apenas se Thaise passasse por um transplante de córnea, no olho em que ainda tinha um pouco de visão, no outro nada poderia fazer.

Mas havia um risco na cirurgia, um descolamento de retina, complicação que pode ocorrer nesse tipo de situação, e que poderia a tirar a visão dos dois olhos.

Thaise teve que ver a sua vida mudar, reaprender a fazer tudo o que já sabia.

Ela tinha o sonho desde criança em poder dar aulas, e estava no meio da faculdade de pedagogia, quando se acidentou.

Para ela os planos estavam acabados e não havia nada que pudesse fazer para reverter a situação, exceto o transplante.

Thaise se obstinou a fazer o transplante de córnea, mas tinha um problema neste caminho, o doador.

Para que Thaise tentasse enxergar de novo, ela teria que encontrar uma pessoa compatível, e que morresse.

A espera era interminável e Thaise chegou a pensar que este dia talvez não fosse chegar.

2 anos depois da espera, ela decidiu que iria tentar retomar a sua vida, mas de outra forma.

Terminou a faculdade de pedagogia, e ao em vez de professora em uma sala comum, se especializou na Educação Especial.

A sua ideia passou a ser, ensinar crianças com deficiência visual como ela, a saber que tem um universo inteiro a descobrir.

Thaise poderia se destacar, e se destacou, nesse tipo de ensino.

Além do Braille, aprendeu a informática com os leitores de telas, para ensinar aos deficientes visuais.

Passou a dar aulas em uma sala de recursos, e conseguiu avançar na carreira.

5 anos depois de seu acidente, Thaise conseguiu o tão esperado doador.

Fez seu transplante de córnea que foi um sucesso, e a deu 100% da visão.

Ela poderia retomar a vida agora, até dar aulas numa sala de aulas para crianças sem deficiência, o que sempre quis fazer desde que era criança e brincava de escolhinha com as primas em casa.

Mas não.

A deficiência visual mudou a sua vida, e o olho que nunca mais poderá recuperar a mostra o quanto foi abençoada, todos os dias.

Thaise sabe que, há muito o que se fazer porque a Educação Especial avançou, mas ainda há muito por avançar no Brasil.

E é exatamente por isto, que ela decidiu não desistir das batalhas que a vida a dá.

Thaise mesmo com o transplante, continua a ministrar aulas para deficientes visuais.

E hoje, além de uma sala de recursos, ela dá aulas particulares.

A professora já teve mais de 65 alunos que passaram por suas mãos, nestes 12 anos desde que se formou e iniciou as aulas.

14 anos após seu acidente, e tudo que passou, Thaise relembra de cada momento com uma certeza.

“Deus me permitiu que vivesse naquele dia, para que eu enxergasse a vida com outros olhos.

E ajudasse aqueles que não enxergam, a descobrir o quanto é maravilhoso aprender, e que podem também se superar.”

Com 33 anos de idade, Thaise Castro é professora de Braille e de informática, usando hoje mais recursos digitais que os de Braille para ensinar.

Está casada há 3 anos, e tem uma filha de 6 meses.



Foto: imagem mostra pessoa lendo livro em braille

# No dia do

## deficiente visual, nasce União Nacional dos Invisuais e Associados, o Unia

- POR LUARA PECKER -

O Brasil possui muitas entidades sérias que fazem um trabalho impecável, na busca por acessibilidade, igualdade e direitos das pessoas com deficiência.

E entre todos os deficientes existentes no país, os visuais são hoje, aqueles que mais necessitam da garantia destes direitos.

Há muitos anos a categoria vem sendo deixada de lado, sejam por iniciativas governamentais, sejam pelo avanço dos empregos PCD nas empresas, ou mesmo nos campos de estudos.

O deficiente visual fica para trás, porque muita gente tem uma ideia errada e incompleta de acessibilidade, e do que é preciso para empregar um deficiente visual, por exemplo.

A explicação é de Guilherme Kalem, jornalista, escritor, Diretor de Jornalismo e Editor Responsável pelo G7 Press.

Que também lidera um novo projeto que hoje, estreia no Brasil e vem para mudar a vida das pessoas invisuais no país.

Desde novembro, um grupo de deficientes visuais vem mapeando o que é preciso mudar, para melhorar o dia a dia da pessoa deficiente visual.

Onde é preciso se investir, que cursos precisam ser criados ou melhorados.

Como usar a tecnologia avançada hoje mais que 30 anos atrás, para auxiliar as pessoas com deficiência.

Como convencer as empresas em empregar invisuais, e muito mais.

A partir dessa união de forças e de ideias, é que surgiu um grupo chamado de Unia.

União Nacional dos Invisuais e Associados.

Que vai reunir deficientes visuais como em um clube, onde pagando a sua mensalidade, o associado terá direito a usufruir de produtos, serviços, cursos e muito mais.

Além disso, o Unia fará um importante trabalho social, na conscientização de pessoas, empresas, universidades e colégios.

Não apenas em uma cidade mas se estendendo pelo Brasil.

O Unia, nasce Online com o sonho de se manter presencial, logo que possível, não apenas em um ponto mas em diversos pontos, conta Larissa Miccelann, uma das diretoras da nova criação.

O projeto não é uma entidade assistencial, é mais do que isso.

Usará de recursos próprios, não terá qualquer ligação com o governo.

E mais, vem ser criado para fazer a diferença na vida das pessoas que serão atendidas por igual.

O foco é atender quem possa pagar uma mensalidade, e aqueles que não podem, por bolsas.

Indicar empresas e vagas no mercado de trabalho, e faz isso com uma grande série de parcerias.



União Nacional dos Invisuais e Associados

Foto: imagem mostra logo do UNIA

Até julho de 2023, o Unia espera empregar, pelo menos 350 deficientes visuais em todo o Brasil.

Sendo que, 340 destas vagas serão conseguidas em empresas de diversos seguimentos nacional.

E outras 10, dentro das dependências da própria Instituição.

O Unia, nasce neste 13 de dezembro, dia do deficiente visual.

Como um símbolo de esperança, acreditando na capacidade dos invisuais, e que é possível mudar o cenário que hoje se encontra.

“Queremos mudar, fazer a diferença.

Para que amanhã, nem um invisual seja deixado para trás.

Nem um possa ser impedido de fazer uma faculdade, por falta de material.

Nem um deixe de ser contratado, porque a empresa prefira contratar outro deficiente, que ache que seja mais capaz, porque pensa que as adaptações para receber alguém que não enxergue ou que tenha baixa visão, sejam grandes e caras.

Não é, e este tabu precisa ser quebrado”, diz Livia Ramazoti.

A advogada deficiente visual, também integra a equipe do Unia, e vem fazer parte deste grandioso projeto que quer inovar, transformar, o Brasil e porque não dizer, o Mundo, a partir deste 13 de dezembro.

Para que isto aconteça, o Unia sabe que será percorrido um longo caminho.

Que hoje é apenas o início e que será necessário, força de vontade, garra, determinação e acima de tudo, paciência.

É o que os diretores e idealizadores do projeto pretendem fazer e colocar em prática.

Já atraindo os leitores deste Visão Essencial, a conhecer o projeto por seu site, em <https://institutounia.com.br>

“Aos deficientes visuais que possam, pedimos que se associem.

Aos que não, pedimos que divulguem o trabalho, e que se inscrevam a participar de nossos atendimentos sociais.

Pois assim é que vamos conseguir nossos objetivos”, diz Guilherme Kalem.

# Mercado PCD

## De cada 10 empregos conquistados, apenas 1 é para o deficiente visual hoje no Brasil

- POR MELISSA SEGANTINE E VANESSA REZENDE -

**É** certo que hoje as coisas no Brasil avançam, se comparadas há 30, 40 anos atrás.

Mas é certo também que há muito por avançar, em especial ao falar do emprego ao PCD.

Muitas empresas ainda contratam, apenas para cumprir a lei de cotas e não pensando na acessibilidade, igualdade e capacidade do funcionário contratado.

Há aquelas ainda que contratam, apenas para fazer números, sem que o deficiente necessite trabalhar.

Apenas pagam para que a pessoa fique em casa, ou pratique algum esporte, e sejam financiadas pela empresa afim de dizer que trabalham, mas na verdade não exercem qualquer atividade laboral.

E infelizmente é mais comum do que se imagina ver isto, especialmente em grandes cidades no Brasil.

A lei determina que cada empresa precisa ter, ao menos 5% de deficiente em seu quadro de funcionários, para cada 100 pessoas registradas.

Mas nem todas as empresas seguem isto, da forma correta.

As que seguem ainda são seletistas, na imensa maioria das vezes.

As empresas creem que, adaptar seu espaço a receber um cadeirante, é muito mais barato e fácil, que se adequar para receber um deficiente visual.

Claro que, todos os deficientes precisam de seu espaço e ter seu direito respeitado.

Contudo é preciso compreender, que não se podem fazer distinções entre as deficiências, o que não ocorre no Brasil.

De cada 10 novas contratações que ocorreram nos anos de 2021 e 2022, apenas uma delas foi de um deficiente visual.

E estes números são mais assustadores quando dividimos eles entre os invisuais contratados.

Entre as 9 vagas remanescentes, conquistadas por outras deficiências, vemos que aparecem 4 cadeirantes, 3 com deficiência auditiva, e 2 deficientes intelectuais.

Já entre os deficientes visuais que conseguem um emprego, a discrepância segue em alta.

Hoje, 60% das vagas de trabalho são preenchidas pelos monolulares.

30% por deficientes visuais de baixa visão.

E apenas 10% por aqueles deficientes visuais totais, que nada enxergam.

Esta situação se torna pior, se levar em conta que um monocular, não é de fato um deficiente, mas usa de subterfúgios para conseguir benefícios.

Pelo menos não é na prática, já que uma lei absurda equiparou monolulares a deficientes visuais, um retrocesso aos que realmente são e que convivem com esta deficiência no Brasil.

Por aqui, os monolulares são aqueles que tem a perda visual de um olho, mas a visão perfeita do outro.

Dirigem seus carros tranquilamente, e se lembram de se inscrever como deficientes quando precisam de algum benefício social, de trabalho ou estudo, ou de qualquer outra natureza.

Médicos que já estudaram os casos de monolulares, rebatem que estas pessoas não podem ser consideradas deficientes.

E explicam.

O deficiente é aquele que, por conta de uma limitação física, se limita a exercer alguma atividade, e necessita de recursos de acessibilidade para o dia dia, locomoção e tratamento de saúde.

Um monocular por sua vez, não se encaixa nesses critérios.

Apesar de não enxergar nada ou parcialmente de um dos olhos, a outra visão é 100% perfeita.

E por esta razão, eles conseguem manter

seus empregos, atividades diárias, e não precisam de qualquer recurso de acessibilidade, já que tem o outro olho para compensar.

A guerra que se formou, entre deficientes visuais e monolulares em busca de não terem seus direitos violados pela nova categoria da falsa deficiência, foi perdida ano passado.

Com a aprovação da lei do monocular, os deficientes visuais perderam muito mais do que postos de trabalho.

Perderam benefícios sociais no INSS, perderam oportunidades de estudos pelas cotas, e foram superados por pessoas que agiram de má fé, não existe outra palavra a classificar.

Ao se colocarem como deficientes, apenas em busca de uma vantagem, quer seja financeira ou de acessibilidade.

As listas de contratações mostram que, entre 2010 e 2015, foram contratados 15% de pessoas monolulares para ocupar empregos como deficientes visuais.

Isto antes da lei ser definida, e mudar este cenário.

Agora, em 2021 e 2022, após a lei, saltou para 60% de contratações.

Já na Previdência Social, de cada 100 benefícios concedidos a deficientes visuais hoje, 70 são para monolulares.

Até 2018, este número era de 95, para deficientes visuais com baixa visão ou perda total da acuidade visual.

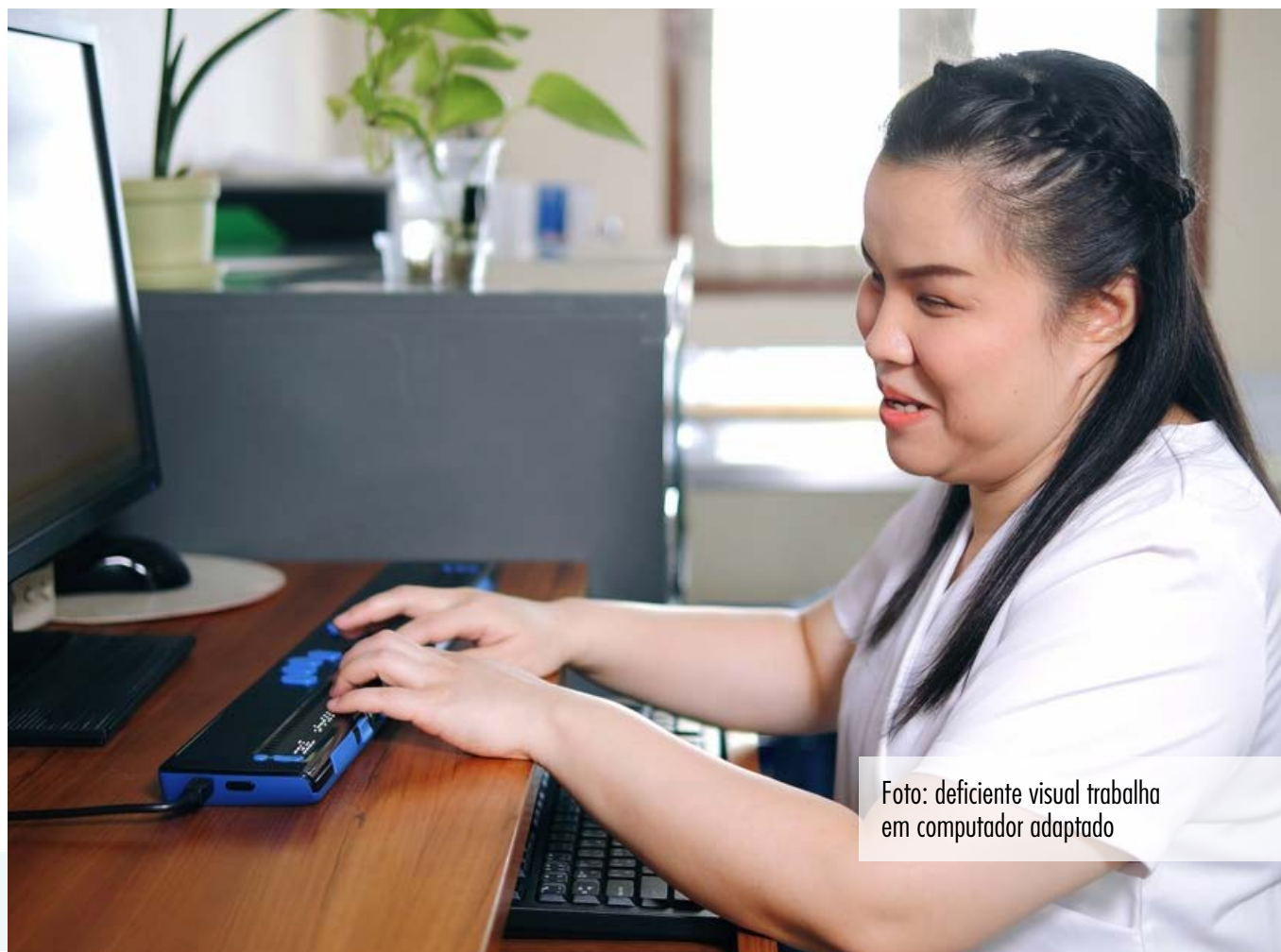


Foto: deficiente visual trabalha em computador adaptado

# Brasil tem

## 1.577.000 de pessoas com deficiência visual total, apontam dados do IBGE

- POR MELISSA SEGANTINE E NATHÁLIA BECK -

No mundo, mais de 280 milhões de pessoas sofrem com problemas visuais, dos quais 80% poderiam ser evitados

A Organização Mundial da Saúde, estima que hoje cerca de 280 milhões de pessoas em todo Mundo, tem algum tipo de problema na visão.

39 milhões delas são deficientes visuais totais, ou seja que não enxergam nada.

Outros mais de 240 milhões, tem deficiência com baixa visão ou visão subnormal, que acomete a perda da acuidade visual mas não totalmente.

No Brasil, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que o país tem 1577000 pessoas que não enxergam nada.

E que este número vem crescendo ano após ano, sendo que poderia-se diminuir este índice ao em vez de aumenta-lo.

80% dos casos de perda de visão, poderiam ser corrigidos ou evitados, se as pessoas fizessem um número maior de exames de rotina, ou se tivessem um cuidado melhor com a visão.

A maior parte de todos os problemas visuais são tratáveis e reversíveis, quando tratados da forma correta e em tempo da correção.

A Oftalmologia é uma das áreas da medicina que mais se tem avançado, ao longo dos últimos 30 anos.

Todos os anos surgem técnicas, cirurgias menos invasivas e claro, melhores resultados que possam melhorar a vida de quem tem qualquer tipo de problema visual.

O Brasil é um dos campeões no Mundo na realização de transplantes de córneas.

Apesar disso, ainda é baixo o número de pessoas que tem acesso a este tipo de correção cirúrgica, dado a falta de material disponível para a doação.

Por isto a campanha de conscientização é tão importante neste quesito.

Já entre as doenças que mais acometem as pessoas no país, médicos destacam que há 5 das mais comuns.

Glaucoma é a maior delas.

Quando há o aumento da pressão ocular, e que degenera com o tempo a retina e as córneas provocando a perda visual.

No caso do glaucoma ele pode ser tratado com cirurgias, colírios, medicamentos em comprimidos ou injeções, e claro cirurgias de laser ou transplante.



Foto: deficientes visuais atravessam rua pela faixa de pedestres

A Catarata vem na sequência como a 2ª maior causa de perda de visão no Brasil.

E também avança com lentes que corrigem além da lesão, a acuidade visual do paciente, podendo garantir uma reversão de até 90% hoje em dia nos casos.

A 3ª doença que mais causa problemas visuais no país, é a retinopatia diabética.

E isto chama a atenção dos médicos cada ano que se passa.

A doença degenera a retina pelo descontrole do Diabetes.

E para impedir que avance, é necessário além dos exames rotineiros nos olhos, o controle da glicemia do paciente portador da patologia, claro.

Outra recomendação médica é que as pessoas protejam seus olhos, contra raios ultra violeta.

Com óculos de sol adequados e especiais, nunca aqueles sem procedência ou adquiridos de forma barata, em internet ou nas famosas barracas ou galerias espalhadas pelo Brasil.

Este tipo de lente, danifica ainda mais o campo visual.

A partir dos 40 anos de idade, todos os adultos devem fazer exames regulares e anual, para saber sobre a sua função oftalmológica.

Crianças por sua vez, devem ser testadas com 1 ano, 4 anos e 7 anos de idade.

Quando os problemas comuns, são mais aparentes.

A maior parte dos recém-nascidos de agora, também são testados ao nascer, com o exame do olhinho, o que é um avanço na descoberta das doenças congênitas.

Em que Glaucoma aparece de novo, como causa mais frequente.



# O invisual

## e as famílias superprotetoras

### Como lher dar com essa situação

- POR LUARA PECKER E MARIANA MARITAN -

**D**eficientes visuais são pessoas como outras, que tem sentimentos, desejos, que precisam de respeito e querem respeito.

Logo estas pessoas por sua vez, também querem conquistar o seu espaço e independência.

Mas nem sempre isto é fácil de alcançar, dado o medo e a forma como as próprias famílias desses invisuais encaram a sua deficiência.

E isto é um termo geral.

Tanto aqueles que nascem com o problema quanto aqueles que adquirem ao longo da vida, podem acabar passando pela traumática experiência da superproteção.

E quando isto ocorre, qual a melhor forma de identificar e driblar este problema?

É o que esta reportagem especial, que ouviu especialistas em análise comportamental e deficientes que passaram pelo trauma, tem a esclarecer.

Nada que é em excesso faz bem, e a proteção excessiva é uma coisa que vai bem nesta linha.

A psicóloga Ana Paula Vasques, explica que durante seus 20 anos de profissão, lher dando com deficientes e familiares dos mais diversos tipos, conseguiu entender diferentes necessidades e encontrar um padrão comum.

Ela é autora de um dos muitos estudos que existem, para falar sobre os motivos desta superproteção.

“Pais e responsáveis por pessoas com deficiência, tendem a achar que o Mundo não vai compreendê-las, ou que irão se machucar fisicamente e principalmente emocionalmente.

Fala mais alto o instinto, e pede que sejam protegidos a qualquer custo”, explica a especialista.

Dra. Ana Paula ainda conta que, é muito comum receber deficientes queixosos da família, ou familiares que levam pessoas em profunda depressão sem entender a causa disso.

E quando vai se analisar profundamente o que está acontecendo, chega-se a mesma conclusão, proteção em excesso.

Há segundo os estudos de especialistas, 3 tipos de deficientes visuais no Brasil hoje.

O deficiente visual que não quer se indispor com a sua família e que tem uma enorme gratidão por seus cuidadores.

Por isto estes se submetem a tudo que lhes é dito e pedido, sem questionar ou negar.

Essas pessoas um dia mais cedo ou mais tarde, terão que encarar a vida quando não tiverem mais essa proteção e isto, lhes será caro.

Não em dinheiro mas em quesitos emocional e estrutural.

Essas pessoas não terão condições de encarar as tempestades da vida, porque sempre foram privadas de vivenciar os próprios reccios, frustrações, porque estavam confortáveis com a

proteção recebida.

E mesmo quando se sentiam incomodados, para não causar brigas e transtornos, se calavam.

O 2º tipo de deficiente visual, é aquele submisso complacente.

Que aceita a superproteção e até gosta dela, porque se sente acolhido, com carinho, e sente uma enorme necessidade em ser centro das atenções.

Quando estes são acalentados pela família, que os impede de viver, não veem desta forma.

Veem como medidas extraordinárias de pessoas excepcionais, que fazem de tudo pelo seu bem-estar.

E só percebem que estavam sendo privados, quando perdem todo este cuidado, geralmente no caso de morte dos protetores, e tem que encarar a vida sozinho sem saber como.

Sem qualquer preparo estrutural para isto.

Finalmente, se tem o deficiente visual independente.

Que as vezes é classificado como teimoso ou rebelde, porque ele não aceita que sua deficiência seja razão para superproteção.

Este geralmente percebe fácil que está sendo criado no entorno de uma casca, e faz tudo com os próprios meios para rompê-la.

Este tipo de deficiente é raro, porque ele quer lutar por sua independência e não se importa em se indispor com seus cuidadores, porque entende que isto é necessário para seu crescimento, pessoal, profissional, como indivíduo.

Ele quer formar a sua família, conquistar seus sonhos, e sabe que uma deficiência não deve o impedir de realizar nada disso.

Enquanto os outros citados, são pessoas que acabam frustradas porque não conseguem lher dar com decepções.

Hoje, infelizmente o Brasil tem 60% dos deficientes visuais, enquadrados na categoria de submissos por conveniência.

Aqueles complacentes que acreditam que tudo está bem, estando amparados.

Outros 30% dos invisuais, são submissos por não quererem discussões.

E finalmente, 10% daqueles invisuais, lutam por sua independência.

Muitas das vezes, estas pessoas nem percebem que estão nessas categorias pesquisadas, porque acham normal serem tão cuidados.

Acham que todos os deficientes visuais são superprotegidos por suas famílias, e descobrem que não, ao ter contato com outras pessoas com deficiência.

Muitos, a grande maioria na verdade, estão em convivência mínima com outros deficientes, o que os faz demorarem ter noção da realidade que estão inseridos.

As pesquisas que se baseiam estes dados, fo-

ram feitas nos últimos 30 anos, por psicólogos, psiquiatras e especialistas em análise comportamental e Educação Especial.

Já que muitos destes deficientes visuais, expressam no colégio, a superproteção domiciliar ou o mal que isto possa lhes fazer.

A proteção em excesso começa na infância, para quem nasce com a deficiência.

E no exato momento em que perde a visão, para aqueles que perdem ao longo do caminho da vida.

As famílias superprotetoras em sua imensa maioria, não são ruins.

Não fazem isto por quererem se apropriar de maneira indevida dos deficientes.

Na realidade o que lhes falta, é informação correta sobre a deficiência e tudo que seus membros invisuais podem realizar.

É importante por isto, publicações como o Visão Essencial.

O amplo espaço da mídia as realizações das pessoas com deficiência, e que possam demonstrar a realidade.

Que deficientes de qualquer natureza, também os visuais, podem se casar, ter filhos, trabalhar, sonhar e lutar pela realização de seus sonhos.

Se formar, ter uma vida estável, e que a superproteção apenas faz mal.

90% dos invisuais classificados com depressão moderada ou grave, tem este quadro agravado pela superproteção familiar.

Um dado que chama a atenção e que leva as sociedades de psicoterapia e psiquiatria, a discussões importantes sobre o tema.

Uma questão que deveria ser abordada e amplamente pelas entidades assistenciais.

Mas que nem sempre todas conseguem fazer com exatidão.

Além de Dra. Ana Paula Vasques, que trabalha com deficientes há 20 anos.

A Reportagem deste Visão Essencial ouviu Murilo Reis, psicólogo e deficiente visual, com 8 anos de carreira.

Maria Isabel do Prado, Juíza, e que lida com situações de abuso e superproteção.

Maria Laura de Andrade Ranielli, psiquiatra especialista em famílias e pessoas com deficiência, e que dedicou os últimos 5 anos de sua vida e carreira a pesquisar o tema.

Todos são unânimes em afirmar, que a conscientização e a busca do deficiente pela própria independência, são essenciais para mudar estes quadros.

A família nunca vai liberar o invisual a caminhar sozinho, se ele não demonstrar esta necessidade e vontade.

Por isto que, aqueles que buscam independência são melhor sucedido em todas as esferas, como apontam as análises e pesquisas apresentadas.



Foto: imagem mostra pessoa sentada ao chão abraçando as próprias pernas com medo

# De 10 a 20%

## de deficientes visuais no Brasil, sofrem com abusos dentro de casa

- POR MELISSA SEGANTINE -

**N**este dia do deficiente visual, este Visão Essencial faz um alerta a todas as pessoas.

Para que percebam e bem, as situações vivenciadas a seu redor, em especial para aqueles que conheçam pessoas deficientes visuais.

Dados que estão sendo monitorados, com base em ocorrências, pesquisas psicológicas e em denúncias recebidas pelo G7 e muitas das vezes também feitas ao disque denúncia do governo federal, revelam que de 10 a 20% de deficientes visuais no Brasil, sofrem algum tipo de abuso.

Estes abusos ocorrem dentro de casa, onde o ambiente é controlado e estas pessoas ficam mais vulneráveis.

Muitas das vezes não podem denunciar, porque temem represálias ou não terem para onde ir, após as denúncias.

O deficiente visual se torna refém de um ciclo vicioso que nunca acaba, e que pode trazer desdobramentos catastróficos.

Os abusos podem ser físicos, com violência.

Ou sexuais, vindo de pessoas que na prática deveriam proteger estes invisuais.

Na maioria das vezes as mulheres representam o maior número de abusadas no lar.

Mas há também um expressivo número de abusos em homens, e com idades variadas.

No estado do Paraná por exemplo, Fernanda, nome fictício, vivia uma vida de abusos cometidos pela mãe.

Que a controlava para nunca sair de casa, com horários a falar no telefone, com o que poderia comer e onde poderia ir, ou o que poderia estudar.

A mãe de Fernanda nunca a tocou fisicamente, mas praticava contra ela, abuso emocional.

Uma outra forma comum de abuso, e que é mais frequente e catastrófica.

Além claro, do abuso econômico e finan-

ceiro, usando a filha como fonte de renda.

A mãe de Fernanda recebia um benefício do governo em nome da filha, desde que ela tinha 10 anos de idade.

Hoje, com mais de 22, a jovem deveria já ter o salário repassado a seu nome mas a mãe nunca fez a mudança no INSS.

A vida de Fernanda começou a mudar em outubro de 2022, quando indo votar, sua mãe tentou obriga-la a votar em um candidato que ela não queria.

Foi quando ela tirou a mão da moça da urna para votar por ela, gesto percebido por um fiscal na votação, que a história se revelou.

A polícia foi acionada, a mãe de Fernanda detida, e ela teve coragem para denunciar.

Fernanda não tinha para onde ir, e foi acolhida em uma casa apoio, encaminhada pelo Ministério Público.

2 meses depois, ela tenta refazer a sua vida e está longe da mãe agora.

Fernanda não tem raiva, e espera que a mãe compreenda que ela precisava ser independente, um dia.

Hoje elas não se falam mais, e a mãe de Fernanda responde a um processo em liberdade.

Lucas tem 34 anos de idade e é deficiente visual desde os 15.

Passou por 14 anos de sua vida, isolado em casa, longe das pessoas, e sendo maltratado pelos pais.

Foi um dia quando sofreu um acidente em casa e que precisou de atendimento médico, que chorando decidiu contar a sua situação para uma enfermeira do Pronto Socorro em que foi

atendido em Osasco, SP.

E a partir daí, com a história pública, os pais foram investigados.

Lucas tem outros 2 irmãos que não sofreram abusos, mas que não tinham qualquer deficiência.

As crianças não foram tomadas da família mas seguem em acompanhamento.

Lucas por sua vez, foi retirado de casa, acolhido em São Paulo, e há 8 meses conseguiu se mudar da casa de apoio que o recebeu.

Lucas tenta refazer a sua vida, trabalha e estuda.

Historias como estas são mais comuns de se ver, do que pensa-se.

O G7 Press recebe, uma média de 10 a 20 denúncias mensais, de deficientes visuais que relatam situações de abuso doméstico, emocional, econômico e sexual.

Algumas dessas denúncias são reveladas, viram reportagens, ou processos com sigilo judicial.

Mas muitas das vezes apesar das denúncias chegarem, os invisuais temem e acabam por não avançar com a proposta.

Em partes a situação que se leva a isto, é a falta de estrutura para atender estas pessoas no Brasil.

Até 2006, qualquer entidade assistencial poderia ter a sua casa apoio, para receber deficientes visuais.

Os governos petistas de Lula e Dilma, foram acabando com esses lugares, e com o apoio de Ministérios Públicos de diversos estados no país.

Até em 2016, quando uma nova lei determinava o fim desses internatos.

Hoje, estas casas de apoio existem em menor quantidade, apenas onde as instituições conseguem mantê-las com recursos próprios.

Para os espaços em que entram recursos federais, as unidades tiveram de ser desativadas. Os locais foram transformados em centro dia, recebendo deficientes de todas as naturezas,

apenas uma parte do período diário.

A iniciativa fez crescer e ser mais vidente, o aumento da violência de suas diferentes formas, contra deficientes visuais.

# Abusos de

quem deveria proteger

## A história de Ana, engravidada pelo pai duas vezes e que hoje tenta sobreviver

- POR MELISSA SEGANTINE E CYNTHIA BARRA -

**O** dia do deficiente visual, trás uma triste história nas páginas deste Visão Essencial. E que mostra que nem só de flores vive o invisual no Brasil, ao contrário.

Este dia não pode ser esquecido, porque todas as pessoas tem o dever moral e ético, de prestar atenção em seu redor, identificar sinais claros de erros ocorridos, para se evitar o que se conta a seguir.

Ana é deficiente visual e tem 35 anos de idade, mora em Osasco, na região metropolitana de São Paulo.

Ana perdeu a mãe com 15 anos, em um acidente, onde ela também ficou deficiente visual.

Passou a ser cuidada pelo pai, no princípio com muito zelo.

A medida que a adolescente se transformava em mulher, a situação foi mudando de figura.

O pai, protetor, foi ficando possessivo e logo a proibindo de fazer atividades, reabilitações e estudar.

Aos 18 anos de idade, Ana não mais vivia, apenas ficava em casa e os contatos que tinha, raramente eram com pessoas da família.

Que não percebiam o que estava acontecendo, ou fingiam que não.

Logo ela começou a ser tocada pelo pai, que dizia a jovem que ela precisava deixar que ele fizesse aquilo, porque outros homens a machucariam, e ele sempre faria com amor.

Dizia também que na falta da mãe, Ana era a mulher da casa e precisava se comportar como tal.

Os abusos sexuais ocorreram por meses, até que Ana ficou grávida.

O pai não aceitou que interrompesse a gestação, e convenceu a filha a não revelar quem era o pai.

Ela disse que não sabia de quem era a criança, porque frequentou festas naquele tempo e saiu com muitos

rapazes.

Não quis realizar um DNA, e o filho nasceu.

Hoje a criança tem 13 anos.

E Ana voltou a ficar grávida de novo, dos abusos do pai.

Uma vizinha achou a situação estranha, a mulher que nunca saí de casa ter um filho, e agora estar grávida outra vez.

Por isto começou a sondar, falar com Ana e tentar descobrir a verdade.

Embora tivesse com medo, Ana acabou revelando os abusos que sofreu, nos últimos 17 anos.

O G7 Press, recebeu a denúncia de Maria Elizabete, vizinha de Ana, e averiguou a história.

Levou ao conhecimento das autoridades competentes e o pai de Ana, passou a ser investigado.

A deficiente visual, o filho de 13 anos, e o bebê que ela espera, foram retirados da casa.

Ela não quis interromper a gestação, e disse que esta nova criança vai a dar forças para superar a monstruosidade que o pai fez.

E que não se deve tirar uma vida, por ser muito religiosa.

Ana ainda busca apoio, e um recomeço para a sua vida.

O processo dos últimos 17 anos de abuso que sofreu, corre na Justiça, em sigilo.

E o que se espera, é uma condenação do pai abusador.

Nem uma pessoa merece ser estuprada frequentemente, engravidada por duas vezes, e submetida a qualquer tipo de abuso por 17 anos.

Ainda mais quando se trata de alguém com uma deficiência, quando o autor é o próprio pai.

Ou um monstro que jamais deveria ser chamado disso.



# De um trabalho

## escolar a 10 anos de um projeto de sucesso Como surgiu o Olhar Sem Fronteiras

- POR MELISSA SEGANTINE E MARIANA MARITAN -

O ano era 2007. Guilherme Kalel estava iniciando seu trabalho como Jornalista e tinha menos de 4 meses de seu site no ar.

Um amigo da escola, o convidou para que pudesse ministrar uma palestra em sua classe, sobre deficiência visual.

Aquilo faria parte de um trabalho da aula de filosofia, no 3º ano do ensino médio, no colégio em que Kalel também estudava.

Uma oportunidade incrível de mostrar aqueles alunos, tudo que pudesse sobre a deficiência.

Guilherme nunca tinha antes falado sobre sua deficiência em público, e viu ali a oportunidade de conscientizar as pessoas da escola, que o fato de não enxergar não impedia ele em fazer outras coisas que demais alunos realizavam.

Apenas aquelas que não fazia, eram as limitadas pela própria condição visual.

A palestra foi um sucesso, o grupo que convidou Kalel para falar, tirou nota máxima.

Foi um alinhamento de ideias e de dinâmicas que deram um ponto de base.

Guilherme viu ali, que assim como aquela classe teve grandes aproveitamentos da palestra, outras salas de aulas também poderiam receber este ensinamento.

Havia na época, um projeto chamado “Prevenção também se Ensina”, da Secretaria de Educação Estadual.

Que tinha por base, através de aulas especiais e palestras, ensinar os alunos sobre temas diferentes inseridos em dias específicos no contexto escolar.

Guilherme, pediu autorização para a diretoria de sua escola, para fazer com que as palestras sobre deficiência visual, fizessem parte do projeto.

Em 2008, com o começar do ano, Guilherme conseguiu a autorização e até mandou fazer camisetas.

“Prevenção também se ensina

Projeto Ana Maria Junqueira, Conscientizando sobre a deficiência visual”

Eram os dizeres do uniforme azul, escrito com branco, e usado pelo Jornalista.

A camiseta foi distribuída também, para colegas de turma, que eram suas assessoras durante as palestras.

De março a novembro de 2008, todas as salas de aulas em todos os períodos do colégio, manhã, tarde e noite, receberam palestras sobre o tema.

Guilherme desenvolveu uma apostila, aproveitou a dinâmica de vedar as pessoas feitas no ano anterior pelo grupo de seu amigo, quando deu a primeira palestra.

E pegou informações com seus médicos de visão, para criar um projeto fundamentado e que realmente despertasse o interesse das pessoas.

E deu certo.

Guilherme foi ministrar as palestras, em outro colégio a convite.

Em 2009, também ministrou palestras em duas

turmas de faculdade, em Franca.

Mas foi em 2012, que tudo começou a ganhar outros contornos.

Patrocinado pelos médicos que o atendiam em São Paulo, Guilherme Kalel, lançou um grande projeto, batizado de “Olhar Sem Fronteiras”.

O projeto viajava para levar, a universidades, colégios, hospitais, empresas, bancos, e quem mais quisesse o receber.

E nunca mais parou. Nos últimos 10 anos, Guilherme o ampliou e outros deficientes visuais integrantes do hoje G7, passaram a treinar e ministrar as palestras.

Em 10 anos, foram mais de 260 palestras ministradas pelo Jornalista, muitas delas inclusive fora do Brasil.

O Jornalista foi convidado a fazer eventos fora do país, nos anos de 2016 e 2017.

Por conta de questões de saúde, não pôde realizar as viagens.

Uma delas fez Online e a outra, enviou uma representante, para que pudesse ministrar.

O projeto ganhou patrocinadores e uma fila de espera.

E hoje é um dos carros chefes de ações sociais protagonizadas pelo G7 Press.

“O Olhar Sem Fronteiras é a oportunidade que sempre um deficiente visual quis, para falar sobre as coisas de seu dia dia.

Para mostrar as pessoas e as empresas as suas capacidades, e que sim podemos fazer a diferença.

Não queremos ser tratados com privilégios, mas queremos respeito e acessibilidade.

E não precisamos mais do que isto”, comenta Guilherme Kalel.



Foto: Jornalista Guilherme Kalel posa para foto em frente a um carro

# A música e a sua importância na vida de Invisuais

- POR GUILHERME KALEL -

**E**ntre as mais diversas atividades que um deficiente visual pode exercer, é comum que vejamos mais aquelas ligadas a tecnologia.

Até mesmo porque, hoje esta se tornou a maior aliada do invisual, para seus estudos, profissionalização e para o trabalho no dia dia.

Nem um deficiente visual, assim como as pessoas que enxergam, passa o dia sem o uso de seu Smartphone.

Mas a tecnologia não é tudo, e alguns deficientes visuais ainda se dedicam a outros prazeres e terapias na vida.

Coisas que os fazem sentir bem, que melhoram a autoestima, e que fazem encantar as pessoas a seu redor.

A música é uma dessas. O deficiente visual tem por natureza, segundo dados pesquisados e publicados, uma percepção que as vezes transcende das pessoas com visão.

Não há ainda uma explicação que possa diagnosticar isto, mas é como se o cérebro desenvolvesse um sentido amais, ou um alerta diferente, explica a neurologista Dra. Carolina Andrade.

Neste sentido, o deficiente visual pode usar esta nova habilidade adquirida, para se destacar nos esportes, ou na musicalidade.

É comum os deficientes visuais conseguirem tocar instrumentos, ao conhecer um pouco das notas, só de ouvir uma melodia.

Escreverem e gravarem canções, que tem na sua letra muito do sentimento que passam por determinadas fases de suas vidas.

Em todo deficiente visual, há um pouco de poeta, de músico e de esportista, explica Dra. Carolina.

É preciso apenas fazer com que estes sentidos ou

percepções, venham a florescer.

Laura tem 25 anos de idade, e desde os 10, se identifica com a música.

Ela aprendeu a tocar teclado e depois o violino.

Sempre que pode, gosta de tocar canções sozinha, ou para a família durante os encontros que ocorrem geralmente em aniversários e casamentos.

Na pandemia, em uma época que todos tiveram que se isolar para conter a disseminação da Covid-19, Laura encontrou na música sua maior companheira e aliada, a superar aquele desafiador momento.

Isolada em casa com os pais, a deficiente visual disse que nunca tocou tanto ou compôs tanto, como nos 2 anos em que durou o pico da doença.

Abner Maciel, tem 38 anos e um sonho.

Concluir a sua faculdade de música.

Ele teve o primeiro contato com a música, 6 meses depois de perder a visão aos 22 anos.

Aprendeu a tocar violão e diz que nunca se sentiu tão em paz.

“A música entrou em minha vida no momento mais crucial, impediu que me deprimisse por ter perdido a visão.

Sempre usei os olhos para tudo, até para trabalhar, e nessa descoberta de como sobreviver, encontrei mais que motivação, encontrei um estímulo”.

Abner começou a cursar faculdade de música, em 2019.

E deve concluir até o final de 2023. Diz que é um sonho realizado e uma oportunidade incrível de levar sua musicalidade as pessoas.

E de ensinar outros como ele, a viverem este sonho.

Hoje, ele dá aulas de violão para deficientes visuais, em Campo Grande, no Mato Grosso, onde mora.



# O avanço

## da acessibilidade na Educação e como ela ainda precisa avançar

- POR GUILHERME KALEL E VANESSA REZENDE -

**3**0 anos atrás ou talvez menos, deficientes visuais tinham inúmeras dificuldades em acessibilidade que hoje avançam a cada dia mais.

Nas escolas, professores despreparados que não sabiam ler o Braille, o que ainda acontece nos dias atuais.

Mas em menor número já que, o auxílio da tecnologia e dos sintetizadores de voz para tablets e computadores, vem suprimindo esta necessidade de aprendizado.

Facilitando com que os invisuais, aprendam como demais alunos da classe comum, e não sejam obrigados a estar somente em uma sala de recursos.

Aliás a sala de recursos, também evoluiu.

Ela se transformou ao longo do tempo, em uma extensão das classes convencionais, para que o aluno busque apoio e reforço em seu aprendizado.

E que dedique-se mais para em sala de aula comum, aprender.

Os recursos digitais não foram apenas com computadores e tablets, usando leitores de telas.

Vieram através de livros, hoje em Digital PDF ou Áudio.

E que anos atrás não existiam em grande quantidade, obrigando o invisual a se submeter ao Braille.

A escrita em alto-relevo para os deficientes visuais, tinha e ainda tem hoje, escasso material literário e acadêmico disponível.

Sem falar que, muitos livros são divididos em volumes, dado a complexidade do tamanho da escrita.

Uma folha impressa em tinta, no tamanho padrão de leitura, equivalem a 3 folhas escritas em Braille.

Isto faz com que, um livro de 90 páginas para um vidente, para o invisual passe a ter 270.

Algo que é assustador.

Além dos recursos que mudaram com o tempo para o colégio, esta acessibilidade avançou e ainda avança no ambiente universitário.

Com os cursos em EAD, que crescem especialmente depois dos picos da pandemia de Covid-19, muitas das grandes universidades do Brasil, tiveram que se adaptar.

Algumas delas já permitem no ato da inscrição, o aluno dizer se é deficiente e que tipo é a sua deficiência.

Deste modo, o curso, os professores e a própria universidade, se adapta a forma mais correta para recebê-lo, quer seja Online ou presencial.

Com sistemas e metodologias de ensino inovadoras e que permitam estes invisuais, ter a tão sonhada formação profissional.

Entre as grandes universidades acessíveis no Brasil hoje, podemos destacar os trabalhos feitos pela Anhanguera, e pela Ampli.

Que recentemente foi adquirida pela mesma universidade Anhanguera, mas sem perder sua essência.

Outra que investe muito na acessibilidade, é a Unip. Mas nem tudo é flores, com algumas das universidades mais famosas do Brasil, a deixar desejar.

Como a Cruzeiro do Sul, que vê alunos como números e não por suas necessidades.

São grandes as queixas de deficientes visuais que inclusive, trocaram de faculdade, para buscar uma acessibilidade maior.

No Paraná, alguns alunos com deficiência enfrentam o mesmo problema, com uma das universidades sediadas no estado.

E que não tem permitido o acesso a acessibilidade as pessoas com deficiência visual.

Com o passar dos anos, os invisuais foram aprendendo que as coisas mudam, se eles lutarem por isto.

E é assim que a acessibilidade avançou, e pauta a se avançar cada dia mais.

Não existe ainda a acessibilidade num nível perfeito.

Mas já caminha-se no Brasil, a padrões muito melhores que 30 anos atrás.

Bancos, repartições públicas, órgãos judiciais, delegacias, entre outros, já possuem pela lei, obrigatoriedade do piso tátil.

Muitos prédios incluindo particulares, tem o elevador acessível.

Que além dos andares em Braille para escolha do deficiente visual, conta com um sintetizador, avisando andar por andar de onde estão a passar.

Os semáforos sonoros hoje, estão mais inteligentes e menos caros que antigamente.

E com pequenas situações, grandes mudanças são realizadas todos os dias na vida dessas pessoas.

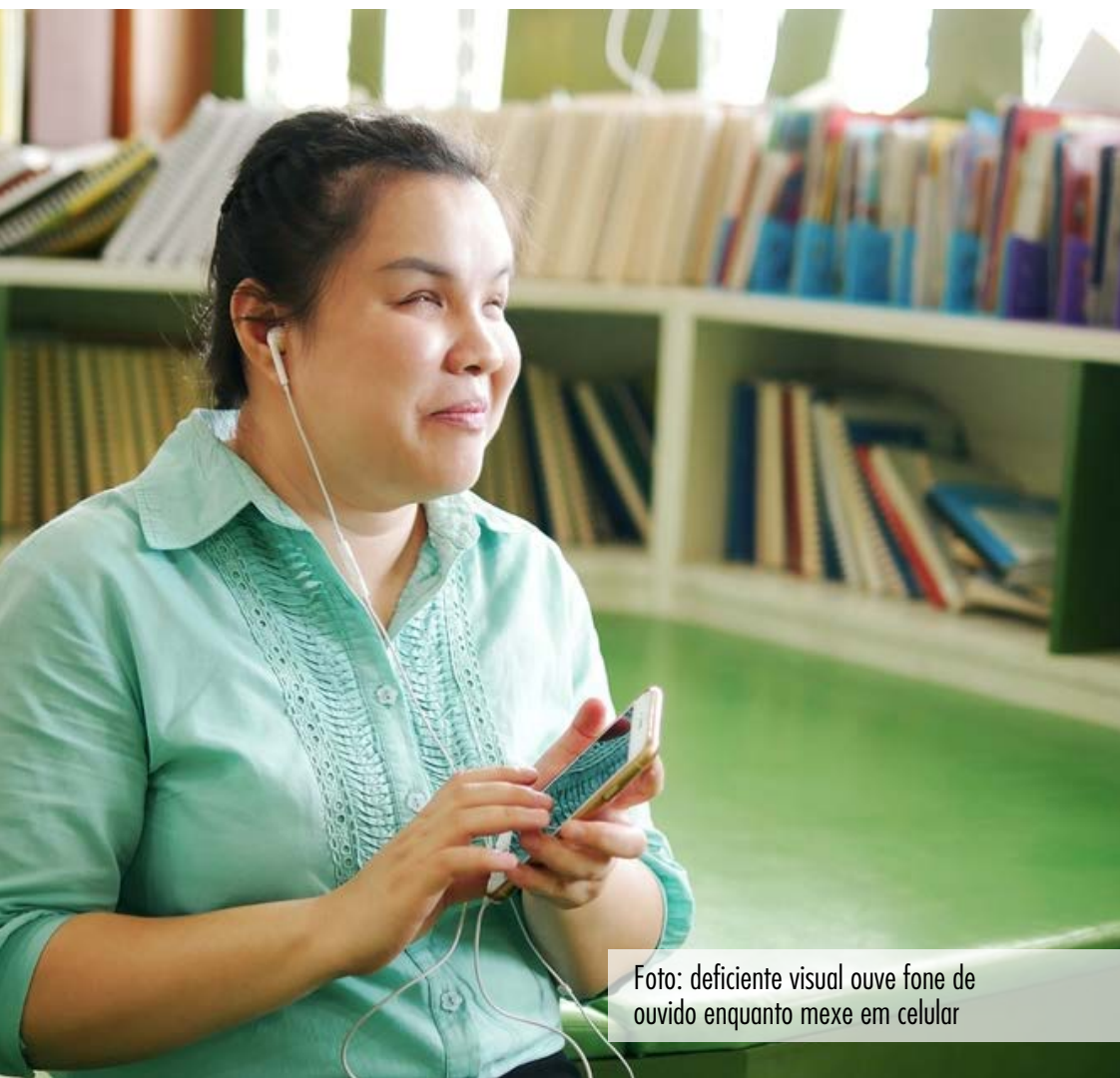


Foto: deficiente visual ouve fone de ouvido enquanto mexe em celular

# Para quem diz

## que não enxergamos, nossa visão essencial

- POR GUILHERME KALEL -

**A**lguns de nós, nasceram assim. E dizem que não enxergamos porque não funcionam nossos olhos da face.

Outros de nós, tivemos intercorrências por obra do destino ao longo de nossa jornada.

E disseram que paramos de enxergar.

Mas cada um de nós, em comum, temos o fato de ver.

Ver além daquilo que realmente importa, porque olhamos para dentro, com os olhos da alma.

As vezes desejamos uma descrição dos acontecimentos.

Mas só as vezes, porque muitas das oportunidades que temos, as descrições e emoções, brotam de dentro de cada um de nós.

Não precisamos ver para sentir, ou para crer.

Sabemos, sentimos, vemos o que está ali, diante de nossos olhos.

Nos emocionamos com uma partida de futebol, e com a bola entrando no gol.

Com um espetáculo bem produzido em um show.

Vibramos e nos arrepiamos ao ouvir Coldplay, e sabemos pelas descrições o quanto são lindos os cenários projetados por Cris Martin e sua banda.

Apenas um exemplo do muito que podemos saber.

Dizem que não enxergamos.

Mas nós nos emocionamos ao assistir um parto.

Segurar nos braços pela primeira vez um bebê.

Ouvir as batidas de seu coração pela primeira vez no ultrassom.

Emocionamos ao encontrar com alguém, que mesmo sem poder descrever o rosto de primeira, sabemos que irá mudar nossas vidas.

E que momentos mais tarde, num simples toque, podemos descrever com perfeição.

Nós nos emocionamos, com um namoro, um beijo, a primeira vez.

Com um casamento, com os filhos que

dele vem.

Entristecemos quando há separação, e nos multiplicamos em alegria a cada nova oportunidade que temos em começar, ou recomeçar, um novo dia.

Dizem que não enxergamos.

Mas nós aprendemos sempre, e gostamos de aprender.

Na escola, na universidade.

Na sala de aula ou no quarto, na sala, em qualquer canto da casa em que pegue nosso celular.

Nosso companheiro inseparável celular.

Que não precisamos ver, para usar.

Ele nos fala o que está na tela.

Tecnologia da mais bela, que vem nos tornar iguais.

Igual a você que lê esta, com os seus olhos da face.

E tantos pares que como eu, leem esta pelo leitor de telas do computador ou do celular.

E dizem aí que não enxergamos.

Mas nós lutamos, todos os dias para sermos pessoas melhores.

Para mudar a vida das pessoas e a nossa própria vida.

Acreditamos num país melhor e mais justo, na Humanidade.

Vamos votar e escolher o futuro e o destino de nossa nação.

Nos horrorizamos com as trágicas notícias, e estamos aí.

Dizem que não enxergamos, mas de verdade, não somos coitadinhos.

Coitado é quem pensa assim de nós.

Nós somos deficientes visuais.

Mas somos sonhadores.

Lutadores.

Incansáveis em tudo que buscamos fazer, ou atingir.

Somos jornalistas, editores, escritores.

Podemos dar aulas, palestras, somos programadores e desenvolvedores.

Dirigimos institutos, fundamos nossas próprias empresas e podemos sim, administrar-las.

Nós apresentamos Podcasts, canais no Youtube.

Vivemos da música e amamos a música, cantamos, tocamos piano e violino, bateria e guitarra, flauta e violão, pandeiro e o que mais nos dispusermos a aprender tocar.

Gostamos mais do que isto, de tocar a nossa vida, sem interferência.

E com a certeza de que fazemos o melhor sempre, por nós e por quem amamos.

Que nos dedicamos todos os dias, porque tem que ser assim e é o que espera-se de todo o ser humano, não só pelo fato de não enxergarmos.

Não temos que mostrar ao Mundo nossa capacidade, por não ver com o rosto.

Mas fazemos todos os dias isto, porque é assim que conquistamos o nosso espaço.

Este Visão Essencial, é a mais clara manifestação disto.

15 anos, eu todos os dias, sem férias, natal, ano novo, feriado.

Sem muitas noites mal dormidas, ou tantas em claro, tantas coberturas, e não me arrependo.

Faria tudo de novo assim como o fiz.

Porque é a minha paixão, informar. Te informar, sobre os acontecimentos mais importantes do Brasil e do Mundo.

Eu sou assim, e nós somos assim.

Dizem que somos deficientes visuais, porque não enxergamos.

Mas nós, nós nos sentimos as pessoas mais privilegiadas do Mundo.

Porque nós somos católicos, evangélicos, espíritas kardecistas.

E posso falar, sem a menor sombra de dúvidas, sem menosprezar, que mesmo sem enxergar, nós falamos com Deus!

Deus que nos abençoa e protege, e nos trouxe aqui.

E fez você ler isto aqui.

Será que estaríamos nessa se enxergássemos todos?

Não procuro pensar do que seria de minha vida, caso eu tivesse a visão.

Mas sempre penso e agradeço, pelo que é, e por não enxergar.

Pode parecer loucura, mas quando não enxergamos com os olhos da face, temos a visão essencial daquilo que mais importa.

O coração!

Esta Revista é uma marca produzida pelo G7 Press

Jornalismo feito com ética, credibilidade e acessibilidade

Com opinião sem medo da verdade

Apoie nosso trabalho, conhecendo nosso site em: <https://g7press.com> -

Anuncie em nossas páginas

Assine o conteúdo de nosso Portal de Notícias E participe do crescimento e do avanço de nosso trabalho  
Só assim podemos melhorar a vida das pessoas. Por isto estamos aqui.